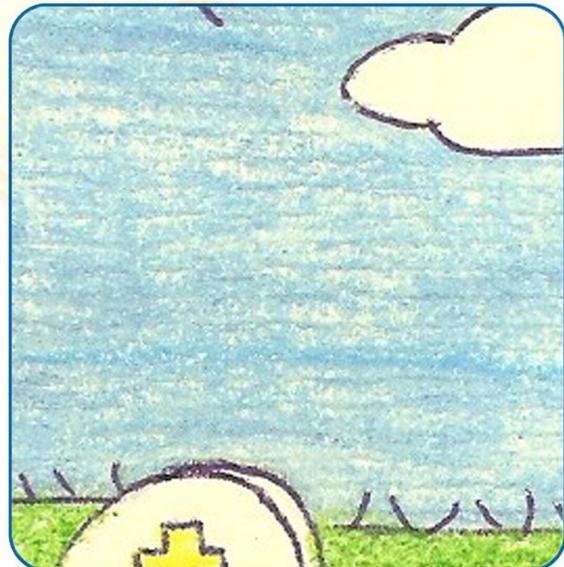


encarar a morte de frente



ENCARAR A MORTE DE FRENTE

- António, anda para casa que são horas de jantar!
- Oh mãe, deixa-me ficar mais um bocadinho na casa do João! Amanhã é Sábado e não há escola.
- Eu sei disso, mas tu precisas de descansar e amanhã logo se encontram de novo para jogar Playstation.
- Fogo, por vezes és mesmo má. Tens que entender que já tenho 16 anos, não sou nenhum bebé.
- Filho, eu sei que não és bebé, mas têm que haver regras.
- Pronto vou já, ganhaste!

Todos os dias a cena se repetia. António era uma criança que se sentia sozinha, talvez devido ao facto de ser filho único. Desde pequeno que pedia aos pais para lhe darem um irmão, mas estes embrenhados em ter sucesso profissional, até achavam que ter tido Tó (como o tratavam carinhosamente) tinha sido um erro. De qualquer forma esforçavam-se para lhe dar uma boa vida, com uma educação num colégio privado, roupas de marca e recentemente por ter tido boas notas no fim do período escolar, tinha sido premiado com uma scooter. Apesar da pouca presença dos pais, Tó era um jovem que tentava compensar a falta de irmãos com os amigos, principalmente com o André, o seu grande amigo de infância.



- Mãe, cheguei.
- Vai lavar as mãos e anda para a mesa.
- O pai vem jantar?
- Ele hoje vem tarde. Tem um jantar de negócios muito importante, mas prometeu que no fim-de-semana nos compensava.

- Como se acreditasse que vai ter tempo para nós, enfim... Olha, amanhã vou fazer um piquenique com o André e mais uns colegas de turma. Achas que posso ir?

- Mas vão para onde?

- Lá para aquela mata perto da casa do André.

- Podes ir desde que me prometas que não se vão pôr em aventuras.

- Combinado. Ah, e já agora achas que me podes adiantar a semanada para ir comprar comida para levar?

- Claro que sim.

- Obrigada mãe, afinal por vezes, quando queres consegues ser uma boa mãe. (*António agarrou-se carinhosamente à mãe e deu-lhe um beijo afectuoso no rosto. É certo que muitas vezes discutiam, mas a cumplicidade que os unia era demasiado forte e Tó sabia que a mãe só queria o bem dele*).

- Hum, cheira bem! O que é o jantar?

- O teu parto preferido: bacalhau com natas.

- És mesmo a maior!

Os dois têm um jantar tranquilo e aproveitam para contar como passaram o dia. António não cabe em si de contente e apesar de estar cansado, não consegue adormecer, tal era a excitação de ir fazer um piquenique. Já passava da meia-noite quando finalmente adormeceu.

- Mãe, vou indo.

- Espera aí para me despedir de ti.

- Ok.

- Promete-me que te portas bem e que não vão andar na maluqueira.

- Que conversa, sabes bem que podes confiar em mim.

- Eu sei, mas não esqueças que não conheço os teus amiguinhos todos e receio que sejam mais doidinhos que tu.

- Oh, lá estás tu a fazer drama.

- Vá vai lá e juizinho.

- Sim não te preocupes e qualquer coisa liga-me, mas não abuses.

-Até logo.

António sai apressado, ficou de ir buscar André para juntos seguirem para o supermercado. Como organizadores do piquenique tinham a responsabilidade de ir comprar a comida. Em menos de meia hora estavam despachados e a caminho da mata, de encontro aos restantes amigos. Chegados ao local combinado começam a preparar tudo para comer. Só que comem apressadamente, porque queriam ir explorar a mata.

- Olha pessoal, e que tal irmos apanhar grilos?

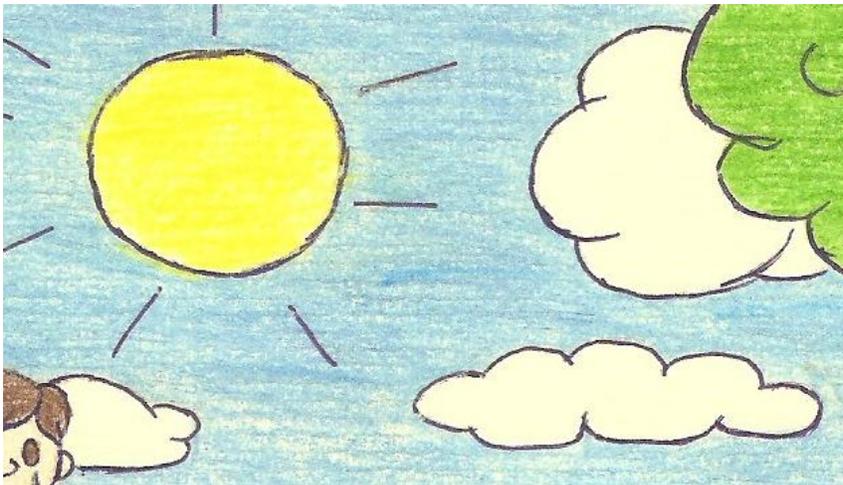
- Por mim na boa. (*precipita-se Catarina, a mais inteligente da turma*)

- Mas como se apanham grilos? (*questiona prontamente André*)

- Simples, com a ponta daquelas plantas que estão ali no chão aliciamos os bichos a saírem dos buracos onde estão metidos.

- Olha, parece bem simples, mas começa tu e depois nós imitamos-te. (*responde Catarina de imediato*)

- Ok, então sigam-me.



E assim lá vão alguns deles pela mata a cantarolar. O calor apertava, mas por sorte encontraram um lago. Decidem logo mergulhar, mesmo sem estarem prevenidos com roupa própria para tal, decidem refrescar-se. André é o primeiro a saltar, sob o olhar atento dos colegas.

- Então, André, está boa a água?

- Muito boa, mas tenham cuidado que estão aqui umas algas.

- Eu não sei se tenho coragem.

- Eu também não.

- Não sejam mariquinhas, vê-se mesmo que são meninas. Tó, anda lá tu.

- Sim deixa-me só descalçar os ténis.

As raparigas afastam-se e seguem caminho, enquanto António senta-se no chão para tirar os ténis. Desvia o olhar de André por alguns minutos e quando volta a olhar não o vê.

- André, onde é que estás? Tu não me pregues nenhum susto. (*António fica inquieto e não recebe nenhuma resposta, até que André vêm à tona desesperado a gritar por socorro*)

- Catarina, Ana, pessoal, venham cá! o André está-se a afogar. (*Em pânico, António deita-se no chão e tenta lançar a sua mão para ver se apanha o amigo, mas André começa a perder as forças*).



O que deveria ser um dia divertido acaba por se tornar num pesadelo. António ligou para o 112 a pedir ajuda, mas de nada adiantou. André acabou por ser engolido pelas algas. Quando os bombeiros chegaram já o retiraram sem vida do lago. Ainda tentaram reanimá-lo, mas sem sucesso. António e os colegas choravam compulsivamente. Os jovens estavam em choque...

1 MÊS DEPOIS

- Filho tens que regressar às aulas, não podes continuar fechado no quarto. Eu sei que a morte do André foi muito dolorosa, mas tens que reagir, não podes ficar aí para sempre. Por mais que custe, a vida segue e tu ainda és muito novo.

- Não me sinto com força para encarar as pessoas. Custa-me sair e saber que nunca mais vou encontrar o André. Tu sabes bem que ele era como se fosse um irmão, o irmão que nem tu nem o pai me deram.

- Tó, eu e o teu pai errámos, mas já viste que andamos sempre numa correria e não seria justo termos mais um filho. Tenho falado com a tua directora de turma e ela disse-me que os outros colegas que estavam no piquenique já voltaram às aulas.

- Vou para a semana, pode ser? Preciso de mais uns dias.

- Prometes-me que vais?

- Prometo.

Mas os dias passam e António continua fechado no quarto. Isola-se e deixa de se alimentar correctamente. A morte do amigo deixou-o numa tristeza profunda e nada nem ninguém o consegue demover de sair do quarto. Até que depois de 3 meses sem sair, a mãe encontra-o caído no chão. Leva-o de imediato para o hospital, onde os médicos a alertam para a fraca condição física de António.

- Filho que susto que me pregaste! Que é que andas a fazer com a tua vida? Já passaram três meses, é hora de reagires!

- Perdi a vontade de viver, sem o meu amigão não consigo lidar com nada. Nunca vou esquecer aquele dia e não há minuto que não passe sem reviver a situação na minha cabeça. Se calhar podia ter feito mais para o salvar. Além disso, poderia ter sido eu no lugar dele.

- Ai, Tó, não digas isso! Tens que aproveitar o facto de estares vivo. Eu sei que é triste e que o André significava muito para ti, mas não podes deixar de viver.

- Mãe, ajuda-me, não sei o que fazer. Não consigo lidar com a morte dele.

- Calma, vou ver se arranjo forma de te ajudar, assim é que não podes continuar. És novo e tens muito para viver. Onde ficaram os teus sonhos? A tua vontade de ir para a faculdade? E de viajar pelo mundo de mota?

- Oh, já nada disso faz sentido sem o André. Ele era o meu amigo de vida e tudo isso faria sentido com ele, eram planos que tínhamos os dois para aproveitar a vida.

- Então mas devias erguer a cabeça e em homenagem a ele concretizar todos esses sonhos.

- Se calhar tens razão, mas ajuda-me.

- Claro que sim, meu filho! A coisa que a mãe mais quer na vida é ver-te bem.

- Obrigado por seres a mãe maravilhosa que és.

- Tu mereces.

A mãe informa-se e decide procurar ajuda especializada para o filho a ultrapassar a morte do amigo. André precisa de tratamento para fazer o luto do amigo. Acaba por ser internado durante 6 meses. É que entretanto os terapeutas descobrem que ele pensou mesmo em suicidar-se por diversas vezes. André ficou tão mal com a situação que na sua cabeça só fazia sentido morrer, quem sabe se assim não reencontraria o amigo? Tudo pensamentos negativos que precisaram de ser trabalhados.

A morte é um tema muito delicado, mas a verdade é que é uma situação incontornável. É a única coisa na vida que temos por certa. Assim, se falar de morte te incomodar, procura ajuda para aprender a lidar com ela, porque mais cedo ou mais tarde vais certamente ter uma situação de luto na tua vida e quanto mais preparado/a estiveres, mais facilmente a aceitas.

O António já regressou à escola e voltou a sorrir. Mas sem a ajuda devida, pergunta-te a ti mesmo/a: o que é que lhe podia ter acontecido?

